



ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: métodos e práticas escolares

Daniela Martins*

RESUMO

Este artigo que tem por objetivo analisar e compreender sobre qual perspectiva metodológica ocorrem as práticas pedagógicas no processo de alfabetização. O estudo foi feito em um espaço escolar, com crianças e profissionais do 2º ano de alfabetização, utilizando-se como metodologia a pesquisa qualitativa. Foram realizadas entrevistas e observações e os resultados demonstraram que os métodos e práticas de alfabetização são da escolha de cada professor; o currículo não atende as especificidades dos alunos; e o processo de alfabetização e letramento não valoriza os conhecimentos prévios dos alunos, e os saberes adquiridos na Universidade, não se concretizam em ações continuadas para aprendizagem das crianças.

Palavras-chave: Educação Básica. Alfabetização. Métodos e práticas escolares.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa cujo título é **O contexto da Alfabetização e Letramento na Atualidade: Métodos e Práticas Escolares** objetivou investigar, a partir de uma perspectiva construtivista, como ocorre o processo de alfabetização em uma instituição de ensino. O tema é importante por sua relevância como instrumento de reflexão e na construção de práticas docentes no contexto escolar, e como possibilidade de uso na comunicação e ampliação do conhecimento, no sentido de conhecer e entender o processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

* Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: métodos e práticas escolares**, sob a orientação da Professora Ma. Jussara Ceron, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop, 2015/2. E-mail: dani7478@hotmail.com.

A pesquisa buscou analisar e compreender sobre qual perspectiva teórica e prática ocorrem o processo de alfabetização no contexto escolar, e como a criança é considerada dentro desse processo. O estudo se fez por meio da observação em uma sala aula que desenvolve o processo de alfabetização, buscando identificar as abordagens teóricas e os fundamentos que caracterizam as concepções pedagógicas das professoras, reconhecendo como o trabalho de alfabetização integra as propostas políticas e pedagógicas da escola, e analisando a matriz curricular do processo de alfabetização.

O campo de pesquisa foi a Escola Municipal de Educação Básica Lizamara Aparecida Oliva de Almeida, localizada na Rua das Margaridas, nº333, Jardim Imperial, no município de Sinop, MT. Contou com a colaboração de professores, gestores e alunos da instituição, e com o projeto Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *campus* de Sinop.

A pesquisa nos levou a concluir que os métodos e práticas de alfabetização existentes na escola, são da escolha de cada profissional. Possui um currículo que nem sempre é pensado para atender as especificidades dos alunos, de modo que a alfabetização vem sendo trabalhada de forma fragmentada e desassociada da realidade dos alunos.

A pesquisa nos proporcionou o reconhecimento de que alfabetizar está muito além de ensinar grafia e o reconhecimento oral das palavras. Alfabetizar é estar comprometido com a aprendizagem e a formação de pessoas autônomas, é respeitar fases e tempos de aprendizagem, e aceitar que na sala de aula se configura uma multiplicidade de saberes, que conseqüentemente, exige de nós professores, práticas, métodos e concepções que atendam essas multiplicidades.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa aborda concepções construtivistas, que partem do conceito de que o sujeito constrói o seu conhecimento e, para tanto, ampara-se nas abordagens bibliográficas sobre como se dá o desenvolvimento da alfabetização escolar, e apresenta as ideias de autores que defendem essa concepção, bem como sua aplicação.

Considerando a perspectiva do letramento na alfabetização, segundo Soares (2004, p. 15): “[...] alfabetização em seu sentido próprio, específico: é o processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita.”, e o Letramento, segundo Soares (2009, p. 39) é o “Resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita, um

estado ou condição que se adquire, um grupo social ou um individuo como consequência de ter se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.”

Partindo dessas concepções, a pesquisa foi norteadada pelas leituras de Ferreiro (1999) **A Psicogênese da Língua Escrita**, leituras complementares como Soares (2004) **Alfabetização e Letramento** e Moll (1996) **Alfabetização é Possível: reinventando o ensinar e o aprender**. Ferreiro e Teberosky (1999, p. 5), em sua pesquisa afirmam que:

A aprendizagem da leitura, entendida como questionamento a respeito da natureza, da função e do valor desse objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina transcorrendo por insuspeitos caminhos. Além dos métodos, manuais, dos recursos didáticos existem um sujeito buscando a aquisição do conhecimento; sujeito que se propõe problemas e trata de solucioná-los seguindo sua própria metodologia, trata-se de um sujeito que procura adquirir conhecimento, e não simplesmente de um sujeito disposto ou maldisposto a adquirir uma técnica em particular. Um sujeito que a psicologia da lectoescrita esqueceu em favor de buscar aptidões específicas, habilidades particulares ou uma sempre mal definida maturidade.

Com um olhar voltado para o oposto do que, até então, a alfabetização se propunha investigar para vencer o fracasso escolar, Ferreiro e Teberosky (1999, p. 8) apresentam “uma investigação que tornou possível, pela primeira vez, a descrição do processo de aquisição da língua escrita”, se caracterizando como um “marco na história da alfabetização”, expondo pontos, através dos quais possibilitou “dimensionar o que foi essa revolução conceitual.” O como ‘se ensina’ sempre esteve presente dentro do processo de alfabetização, onde “toda discussão sobre alfabetização estava centrada nos métodos de ensino”. Com a pesquisa de Ferreiro (1999, p. 9) o foco muda completamente “partindo não de como ensinar e, sim, de fato, como se aprende”.

A construção da alfabetização deve acontecer de uma maneira geral e ampla, reconhecendo e dando ênfase a todas as qualidades que o aluno traz consigo, trabalhando essas qualidades em favor de sua aprendizagem. O aluno, ao adentrar a escola, é um ser completo e, portanto, deve ser considerado como tal no processo de aprendizagem, valorizando suas capacidades, habilidades e conhecimentos.

A alfabetização é um processo complexo, que se inicia a partir das hipóteses realizadas pelos alunos, sendo seguida por um percurso que envolve diferentes etapas de conhecimento de sons e imagens, culminando na apropriação da língua escrita. Ferreiro e Teberosky (1999, p. 192) apresentam como se desenvolve a alfabetização na criança:

Nível 1. Para a criança, escrever é reproduzir traços típicos da escrita que ela identifica como forma básica. Neste nível, sua intenção subjetiva conta mais do que

as diferenças objetivas no resultado. Podem aparecer tentativas de correspondência figurativa entre a escrita e o objeto referido.

Nível 2. O sujeito percebe que, para poder ler coisas diferentes, deve haver diferenças objetivas nas escritas. A forma do grafismo é mais definida, mais próxima à das letras. Surge a hipótese de que é necessária uma certa quantidade mínima de grafismos para escrever algo e a hipótese da variedade de grafismos.

Nível 3 Há tentativa de atribuir valor sonoro a cada letra que compõe a escrita, sendo que uma letra corresponde a uma sílaba. Evidencia-se um salto qualitativo em relação aos níveis anteriores, que associam a escrita pela relação semântica com os objetos, enquanto que, a partir desta etapa, passa a haver uma associação da escrita com a fala.

Nível 4 Há necessidade de realizar uma análise que vá além da sílaba pelo conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima de grafias. É a passagem da hipótese silábica para a alfabética, havendo a combinação de ambas.

Nível 5 A escrita alfabética constitui o final da evolução. A criança já compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores do que a sílaba e, a partir desse momento, se defronta com dificuldades próprias da ortografia.

Considerou-se, a partir de então, as fases da infância que passaram a servir de parâmetros para elaboração de propostas pedagógicas que auxiliassem a criança, de forma que esta pudesse, ao fim desse ciclo, obter sucesso na alfabetização.

3 PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS, PRESENTES NO 2º ANO, TURMA - B DA EMEB LIZAMARA APARECIDA OLIVA DE ALMEIDA

Para conhecer as práticas alfabetizadoras presentes na sala do 2º ano, Turma - B, a pesquisa contou com a colaboração da professora de alfabetização da sala, Prof^a A¹, que atuava com as matérias de Matemática, Geografia, Ciências, História, Artes, Educação Física e Ensino Religioso. Ela relata que:

(01) Professora A: [...] a alfabetização representa tudo na minha trajetória e na minha experiência, e não sei, não consigo e não me proponho a trabalhar com outras turmas, a não ser de alfabetização [...].

Para ela:

(02) Professora A: [...] a criança no processo de alfabetização chega à escola com uma bagagem de conhecimentos que ela já traz de casa, e é muito gratificante poder ter a confiança

¹ Entrevista concedida pela Professora de alfabetização do 2º ano da EMEB Lizamara Aparecida Oliva de Almeida. Sinop MT [Setembro 2014] pela entrevistadora Daniela Martins por meio de entrevista de áudio. A professora será citada no texto com o nome fictício Prof^a A.

dos pais para alfabetizar seus filhos. Na alfabetização aprendemos tanto quanto ensinamos é uma experiência bem gratificante e quando chega ao final do ano você vê o retorno [...].

A professora A, apresenta em suas práticas de alfabetização o uso do método sintético, onde inicia as atividades a partir das partes para o todo, abordando o processo silábico. O diferencial em suas aulas está nas abordagens utilizadas na aplicação das atividades, onde são trabalhados jogos, dinâmicas e socialização.

Durante as aulas, observa-se a presença muito forte da interdisciplinaridade entre as matérias, onde a professora constantemente resgata, durante as aulas, conhecimentos das crianças sobre língua portuguesa nas disciplinas de matemática ou ciências.

Sobre como começou sua experiência como professora de alfabetização, ela acrescenta que:

(03) Professora A: [...] Em 1987, eu fiz o curso preparatório para trabalhar com Pré escola Pré I, após esse ano com a experiência eu vi que estava mais preparada para trabalhar com alunos 4, 5, 6 e 7 anos me senti mais a vontade e mais preparada porque todos os cursos que eu fazia através da rede estadual eu fazia de preparação para essas turmas. [...].

A professora ainda acrescenta que é fundamental os professores participarem dos cursos de formação oferecidos pelo governo e pelas secretarias de educação. Segundo a Seduc (2001, p. 87):

Vencer a fragmentação dos conteúdos organizados tradicionalmente exige mais que competência, que é importante, mas não é tudo; exige uma postura política corajosa, no sentido de arriscar, de desmistificar certas crenças e práticas cristalizadas e de experimentar novas formas de proporcionar o encontro dos educandos com o saber elaborado socialmente e sistematizado.

A construção da profissão docente se dá gradativamente, e durante toda a carreira do professor, ser um bom profissional, ou não, depende dele mesmo. As escolas, ao apresentarem novas propostas curriculares, novas concepções teóricas e novas metodologias de aprendizagem, buscam evoluir para atender as demandas da sociedade, levando os professores a se atualizarem, buscando cada vez mais conhecimentos, que devem somar em sua construção profissional.

Dentro do processo de alfabetização, mais do que aderir a novas concepções metodológicas, se faz importante considerar o sujeito no processo, com seus limites e suas

capacidades de aprendizagem. Segundo a professora A, o que ela considera mais difícil na hora de alfabetizar uma criança:

(04) Professora A: Existem vários passos, existem crianças com dificuldades de aprendizagem sem acompanhamento técnico, porque toda criança se ela não apresenta um déficit de aprendizagem no final do ano você colhe o fruto, mas para isso nós precisamos de técnicos que coloca a mão na massa e ajuda a trabalhar com as crianças na alfabetização, nós não temos aqui no município, mas temos crianças que já foram diagnosticadas que não tem o acompanhamento necessário. Então a escola em si ela faz o que pode, não é porque você tem tempo experiência e tem curso, mas a função do técnico cabe ao técnico tentar solucionar junto com a escola.

Ao questionar a professora sobre sua atuação na escola com relação à sala de aula que atuava, a professora A acrescenta que:

(05) Professora A: Este segundo ano foi dividido por área os nossos alunos não estão preparados nem primeiro, nem segundo, nem terceiro anos, e não é isso também que o PNAIC instrui porque eu já trabalhei, são três anos o mesmo professor independente se tem hora atividade ou não então se você pegar o primeiro ano você leva o aluno até o terceiro ano porque no segundo ano você vai dar continuidade no que ele não conseguiu ver no primeiro ano e assim sucessivamente.

Professora, quais recursos materiais você utiliza nas aulas? Ela responde que:

(06) Professora A: O que tem na escola eu não conheço porque como eu já disse o meu material do terceiro ano eu já tenho todo arquivado no meu armário porque eu não trabalho na mesma sala então eu não tenho acesso a esse armário esta trancada esta lá, mas do primeiro ano os materiais que estão a minha disposição hoje são os materiais do PNAIC, que vieram o ano passado jogos e fichas de leituras, por isso que a vantagem um professor só 1º, 2º e 3º ano.

O PNAIC, além de oferecer formação continuada para os professores das redes pública de ensino, disponibiliza materiais didáticos que devem ser usados nas salas de aula durante o ano letivo. Infelizmente, os problemas enfrentados pela professora A, na escola

Lizamara, não foge muito da realidade de muitas escolas públicas, onde a falta de comunicação entre professores e gestão escolar acaba por colocar a perder a aprendizagem de muitos alunos.

A professora foi questionada sobre como ela avalia a participação dos alunos durante as suas aulas. Ela acrescenta que:

(07) Professora A: Eu acho que você tem que dar toda a liberdade para criança independente de que ano, de que turma esta, quantos anos tem porque nós temos que criar formadores de opinião, então eu dou toda liberdade, falo , brigo também se for necessário, mas o meu aluno tem toda liberdade de conversar comigo a hora que ele sentir a vontade.

Na fala da professora A apresenta pontos construtivista, mas construtivismo não é um ponto de vista, mas sim como uma concepção se caracterizando como algo que acontece naturalmente sem obstáculos ou preconceitos, com a sua forma de ensinar a professora deixa seus alunos livres para criar participando dessa aprendizagem.

Ao questionar a professora sobre seu planejamento de aula é possível encontrar em seus relatos a indignação com relação aos problemas que as crianças vêm encontrando para aprender na escola Lizamara, em trechos da entrevista ela traz a seguinte exclamação:

(08) Professora A: É bem complicada agente culpa a criança, mas será que a culpa é só da criança e a nossa parte a nossa contribuição para que isso acontecesse o aluno chegar ao segundo ano e o aluno não estar semialfabetizado. Então será que a culpa é só da criança ou é de quem passou 180 dias, 800 horas durante um ano e a criança não progrediu, o que foi feito por essa criança, o que foi trabalhado individual por essa criança?

A educação é um ato social e, como tal, envolve várias instituições, que devem estar presentes na vida de nossos alunos, viabilizando o necessário para que eles sejam bem sucedidos em sua trajetória escolar.

O que se observa na questão das professoras do 2º ano, é que uma delas adota concepções pedagógicas tradicionais, utilizando o método analítico, limitando o processo de aprendizagem das crianças, se preocupando apenas com o que se aprende e não com o como se aprende. Percebe-se que há uma presença muito forte de autoridade, que se confunde com autoritarismo.

De certa forma, a resposta a uma metodologia como essa, se percebe na sua própria aplicação, onde muitas vezes nos encontramos em salas de aulas onde as crianças apresentam dificuldades para se expressarem, não participam das aulas, por mais atrativas e interessantes que sejam. Esse ambiente leva a criança a perder o interesse pelo conhecimento que a escola pretende passar e, é possível nos depararmos com crianças assim, nos vários estágios de regência que a Universidade nos proporciona.

A cobrança pela organização dos cadernos, e escrita correta das palavras era constante, de modo que, não são admitidos erros. Uma atitude muito comum é a permanência das crianças durante o intervalo em sala de aula para fazerem tarefas de casa, concertar erros ortográficos e escritas incorretas nos cadernos de caligrafia, e copiar o conteúdo do quadro passado no dia.

Já, nas práticas pedagógicas da professora A, identifica-se uma realidade completamente oposta. Durante as aulas dessa professora, as crianças se sentem mais a vontade, e, nas falas das crianças, essa professora é a preferida pelo fato de poderem participar diariamente das aulas. Fica claro como o comportamento dos alunos mudam. Com uma abordagem diferenciada, a professora consegue trabalhar a interdisciplinaridade com as matérias que aplica em sala de aula, e aplicando as metodologias indicadas pelo PNAIC, suas aulas ficam mais ricas e proveitosas para as crianças.

Com cuidado, a professora A tenta não fugir muito do que a professora de Língua Portuguesa propõe, mas ela consegue, com uma abordagem mais aberta, levar as crianças a produzir conhecimento. Com relação aos recursos materiais que utiliza em suas aulas, a professora A afirma que:

(09) Professora A: [...] os materiais que estão a sua disposição hoje são os materiais do PNAIC que vieram o ano passado jogos e fichas de leituras [...].

E quando perguntado sobre como ela avalia a participação dos alunos durante suas aulas a professora relata que:

(10) Professora A: [...] Eu acho que você tem que dar toda a liberdade para criança, independente de que ano, de que turma esta, quantos anos tem. Porque nós temos que criar formadores de opinião, então eu dou toda liberdade, falo , brigo também se for necessário, mas o meu aluno tem toda liberdade de conversar comigo a hora que ele sentir a vontade [...].

Quanto a que procedimentos metodológicos são indispensáveis no trabalho com alfabetização durante as suas aulas ela afirma:

(11) Professora A: O concreto, o alfabeto móvel, as famílias, imagens depois que as crianças começarem a ler, você tem que dispor de gravuras que é para as crianças escrevem o nome escrever frases porque se a criança não estiver visualizando para ela não é interessante. E muito difícil, eu sempre trabalhei em escola pública, é sempre assim, falta de companheirismo, se você faz algo você quer ser melhor de que os outros, para que isso? O meu jeito de dar aula é assim ninguém vai me mudar então é muito difícil. E para ser bem sincera eu trabalho aqui adoro trabalhar, mas se eu pudesse ir para outra escola pública do Estado o meu concurso do município eu suspenderia.

Em sua opinião a criança constrói conhecimento a partir daquilo que ela aprende na escola?

(11) Professora A: Toda a criança já tem um conhecimento vindo de casa, apesar dela traz eu ter falado de coisas negativas, mas o negativo a gente não consegue tirar porque a gente convive muito pouco com eles, agora as partes boas a gente tem que passar para frente e os negativos tentar sanar, afirmar a criança que ela pode ela é capaz ela tem dois braço duas pernas você é inteligente e sempre falar para criança que ela é inteligente e ela é capaz. Porque a maioria dos pais quando vai ensinar a tarefa para os filhos dizem a elas que são burras e não aprende, a criança traz isso para escola, este ano eu já escutei varias vezes na minha sala de aula. Minha mãe falou que eu sou burro. Então a partir do momento que você trabalha só com pontos positivos com a criança não tem porque ela não construir [...].

As práticas de alfabetização presentes na sala do 2º ano se divergem de várias maneiras, enquanto em determinadas aulas as crianças são levadas por uma aprendizagem que proporciona liberdade de expressão, flexibilidade para aprender e liberdade para criar e raciocinar, e, em outra aula, elas são colocadas diante de uma disciplina que muitas vezes poda o seu desenvolvimento, limitando sua liberdade de expressão e criação.

Essa instabilidade na aprendizagem acaba por prejudicar o processo de aprendizagem das crianças porque, em alguns momentos elas estão se policiando, se autocorrigindo e muito preocupadas em não cometer erros e, em outros, estão aliviadas, mais soltas e à vontade. Infelizmente, essa situação não contribui em nada para seu desenvolvimento.

4 CONCLUSÃO

Esta pesquisa nos possibilitou concluir que os métodos e práticas de alfabetização existentes na escola são da escolha de cada profissional, e os professores têm autonomia para escolher seus métodos de trabalho.

A escola tem um currículo que nem sempre é pensado para atender as especificidades da infância e o processo de alfabetização e letramento das crianças, que vem sendo trabalhada de forma fragmentada e desassociada da realidade dos alunos, suscitando assim, uma aprendizagem que não proporciona ao aluno a base necessária para sua caminhada escolar e para uma formação crítica reflexiva.

Diante dos relatos das observações realizadas em sala de aula e dos apontamentos, fica evidente a existência de certo rigor no processo de alfabetização que acaba por limitar o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, pois, infelizmente, as abordagens pedagógicas e os métodos aplicados em sala não dão aos professores, nem aos alunos, a oportunidade de fugir do conteúdo rígido.

Esse é um fator que intimida as crianças prejudicando seu processo inicial de alfabetização, quando na verdade, neste momento, essas crianças deveriam estar sendo estimuladas a aprender, conhecer e se superar, explorando a leitura e a escrita a partir do reconhecimento dos eventos sociais e culturais, presentes no meio social em que vivem.

A ausência do diálogo entre os professores para chegar a um consenso sobre como trabalhar de uma maneira mais produtiva a alfabetização, acaba se tornando mais um dos obstáculos enfrentados pelos alunos na hora de serem alfabetizados, pois tais ações focam a aprendizagem no ‘como ensinar’, e não em saber se os alunos estão realmente avançando e aprendendo no processo de alfabetização.

A pesquisa nos proporcionou o reconhecimento de que alfabetizar está muito além de ensinar grafia e o reconhecimento oral das palavras. Alfabetizar é estar comprometido com a aprendizagem e a formação de pessoas autônomas, é respeitar fases e tempos de aprendizagem, é aceitar que na sala de aula se configure uma multiplicidade de saberes que, conseqüentemente, exigem de nós professores, práticas, métodos e concepções que atendam essas multiplicidades.

E, mais do que isso, é compreender que, sem uma ação docente coerente com a realidade exposta, se torna impossível formar pessoas críticas e capazes de lutar com dignidade pela vida, em consonância com aquilo que é seu direito.

ALPHABETIZATION AND LITERACY: methods and school practices

ABSTRACT²

This article aims to analyze and comprehend which are the methodological perspective used in the pedagogic practices in the process of alphabetization. This study was done in a school environment, with the participation of children and professionals from the second grade in alphabetization, using the qualitative approach as its methodology. Interviews and observations were conducted and the results showed that the methods and alphabetization practices are chosen by each teacher; the curriculum doesn't correspond to the students particularities; the process of alphabetization and literacy doesn't value neither the previous knowledge of the students nor the cognizance provided by the university, and they aren't materialized in continued education actions in order to promote children's learning.

Keywords: Basic Education. Alphabetization. Methods and school practices.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização é Possível: reinventando o ensinar e o aprender**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 1996.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado e Educação. **Escola Ciclada de Mato Grosso: novos tempos e escolas para ensinar – aprender a sentir, ser e fazer**. 2. ed. Cuiabá: Seduc. 2001.

PROFESSORA A. **Professora A: depoimento**. [02. Dez. 2014]. Entrevistadora: Daniela Martins. Sinop, MT, 2015. Áudio 24min: 10seg. Entrevista realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre Alfabetização e Letramento.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

Recebido em: 23 de setembro de 2015.

Aprovado em: 22 de outubro de 2015.

² Tradução realizada por Vinícius Dallagnol Reis. Graduado em Letras, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop.